Breve apresentação cronológica dos FATOS e dos eventos

Para melhor compreender esses eventos e **a eficácia das manipulações exercidas pelas duas toupeiras Williamson e Schmidberger sobre Dom Lefebvre**, que devem ter levado em 1983 a tal desastre, é necessário **se situar no contexto temporal dos principais acontecimentos ocorridos tanto em Écône quanto em Roma**.

Após **o fechamento exigido pelo bispo homossexual(7) apóstata Montini-Paulo VI do Seminário Internacional São Pio X de Écône, em consequência da sua supressão canônica pronunciada em 1975** por uma comissão de três cardeais que ele nomeou para esse fim:

- O cardeal **Gabriel-Marie Garrone**, Prefeito da Sagrada Congregação para **a Educação Católica**,
- O cardeal **Arturo Tabera**, Prefeito da Sagrada Congregação para **os Religiosos e os Institutos Seculares**,
- O cardeal **John Wright**, Prefeito da Sagrada Congregação para **o Clero**. É este mesmo eclesiástico **– ele mesmo um predador homossexual(8) comprovado**, e denunciado como tal com detalhes pela jornalista americana Sra. Randy Engel em seu livro de 1300 páginas publicado em julho de 2006 « ***The Rite of Sodomy: Homosexuality and the Roman Catholic Church*** » nas páginas 698 e seguintes **–** que havia assinado a autorização canônica deste seminário em Écône em 1970.

Dom Lefebvre havia sido então atingido pela sanção de « *suspens a divinis* » por ter – desconsiderando essa supressão canônica « *selvagem* » – ordenado seus seminaristas em Écône.

Seguiu-se a famosa missa de Lille tão midiática **que tornou amplamente conhecida em 1976 a opinião francesa e mundial sobre a resistência corajosa de Dom Lefebvre** em face do Concílio Vaticano II e do « *papa* » Montini-Paulo VI.

Naquela época, Dom Lefebvre em seus sermões e declarações públicas **denunciava abertamente os « *sacramentos bastardos* » do clero conciliar, assim como os « *padres bastardos* » conciliares**, questionando de forma repetida e pública a validade sacramental das novas ordens « ***ecumênicas*** » conciliares.

Foi durante esse mesmo ano, segundo o testemunho do senhor padre Anthony Cekada, que este interpelou diretamente Dom Lefebvre sobre essa grave questão:

> *« Eu perguntei a Dom Lefebvre se amigos conservadores do seminário onde eu estava anteriormente poderiam, uma vez ordenados padres, colaborar com a Fraternidade. Ele me respondeu que, sim, em princípio,* ***mas que eles deveriam primeiro ser reordenados sob condição porque Paulo VI havia mudado o rito do sacramento da Ordem.***
>
> *Dom Lefebvre explicou que a nova forma (a forma essencial) do rito da ordenação sacerdotal era duvidosa por causa de uma única palavra que havia sido suprimida.*
>
> *E Dom Lefebvre continuou:* ***quanto à nova forma da consagração episcopal, ela é completamente diferente e, portanto, inválida****. »**Padre Anthony Cekada**(9)*

As hostilidades parecendo assim consumadas entre o « ***papado*** » conciliar de Montini-Paulo VI e ele, Dom Lefebvre **orava ardentemente à Providência divina para que providenciasse sem tardar a resolução do dilema em que se encontrava** de preservar sua dupla fidelidade:

- Ao **ensino infalível e irreformável da Santa Igreja**, por um lado,
- Ao **Santo Século romano** e àquele que ele considerava **– *erroneamente* –** como um verdadeiro sucessor de São Pedro, por outro lado.

Isso demonstra as esperanças que ele, desde então, colocava perigosamente *a priori* no sucessor do bispo apóstata Montini-Paulo VI na Cátedra de São Pedro, **certo de que Nosso Senhor não poderia tardar em atender suas ardentes orações colocando um papa católico restaurador da Fé no trono de São Pedro**.

O bispo apóstata Montini-Paulo VI realmente faleceu em 6 de agosto de 1978.

Foi neste momento que o Padre Beneditino Athanasius Kröger escolheu para publicar na ***Una Voce Korrespondenz***, (caderno n°2), um órgão católico de língua alemã, um artigo de teologia sacramental **questionando já abertamente a validade sacramental da nova consagração episcopal « *ecumênica* » conciliar sob o título « *Reflexões teológicas a respeito do novo rito de ordenação dos bispos(10)* »**.

Em 26 de agosto de 1978, o bispo Albino-Luciani foi eleito para o trono de São Pedro; ele foi entronizado em 3 de setembro de 1978.

No entanto, **foi em 12 de setembro de 1978 que o jornalista italiano Mino Pecorelli fez sensação ao publicar em Roma no *l'Osservatore Politico* uma lista detalhada**, tirada do Registro do Grande Oriente da Itália(11), dos nomes (com datas de inscrição, nomes e números de código maçônicos) **de 122 prelados da Cúria afiliados às lojas**. Este último não tardou a pagar

sua audácia com a vida **em 20 de março de 1979**, sendo assassinado em plena luz do dia na rua em Roma seis meses depois.

Dom Lefebvre, muito impactado por esses eventos, fez então ecoar essa publicação em seus sermões da época.

Mas, após um muito breve « *reinado* » de 33 dias, o novo papa faleceu subitamente em 28 de setembro de 1978 – muito provavelmente envenenado – o Vaticano e a Cúria estando então sob os cuidados da administração pessoal do Cardeal Jean Villot, cujo nome, inscrito na data de sábado, 6 de agosto de 1966, figurava na ***lista Pecorelli*** extraída do Grande Oriente da Itália, sob o código « ***Jeanni(Zurigo)*** », com o número de matrícula « ***041/3*** ».

Assim, quando **na noite de 16 de outubro de 1978** o bispo polonês Karol Wojtyła – do qual ele nada sabia – foi levado à Cátedra de São Pedro, **Dom Lefebvre, após esses eventos, mostrou-se muito naturalmente inclinado a ver na chegada desse « *papa* » desconhecido, vindo ainda da Polônia católica mártir do Comunismo anticristão, a realização divina de suas orações mais ardentes, convicto de que era realmente o papa providencial « *restaurador da Fé em Roma* », para o advento do qual ele tanto havia orado ao Nosso Senhor Jesus Cristo**.

Somente 8 anos depois, a partir das cerimônias sacrílegas inter-religiosas de Assis, organizadas e presididas por esse « *Pontífice* » em 1986, Dom Lefebvre seria forçado a abrir os olhos e a perceber a amplitude de seu erro, uma conscientização que o levaria, dois anos depois, a consagrar quatro bispos em 30 de junho de 1988 em Écône para preservar a transmissão do Sacerdócio **sacrificial** católico sacramentalmente válido, **marcando assim sua ruptura definitiva e irreversível com a « *Roma dos anticristos* », assim como a multiplicação de escritos e declarações públicas de sua parte cada vez mais frequentemente abertamente « *sedevacantistas* »**(12).

Durante o ano de 1981, o padre Moureaux publicou em sua revista *Bonum Certamen* de Nancy uma série de artigos(13) para alertar os fiéis sobre a invalidade sacramental das novas Ordens « ***ecumênicas*** » conciliares, e particularmente sobre a invalidade sacramental da nova Consagração episcopal « ***ecumênica*** » conciliar.

Em 25 novembro 1981, quatro anos e meio após seu primeiro encontro, o bispo apóstata Karol Wojtyła-João Paulo II nomeia o padre apóstata Joseph Ratzinger (« *sagrado* « *bispo* » conciliar em 28 de maio de 1977, depois promovido a « ***cardeal*** » em 27 de junho de 1977 pelo bispo apóstata Montini-Paulo VI), **Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, tornando esse personagem – o « *teólogo do Concílio Vaticano II* » – o número 2 do Vaticano**.

Dom Lefebvre não podia ver então nessa rápida promoção inesperada por parte do novo « papa » senão um sinal da Providência, especialmente porque o padre Schmidberger, seu primeiro assistente da FSSPX, era originário na Alemanha do mesmo cantão que Joseph Ratzinger e, além disso, conhecia pessoalmente seu compatriota de longa data,

tendo conseguido ouvi-lo e falar com ele enquanto este ainda ministrava suas aulas e conferências nas universidades alemãs, **no momento em que, o jovem Schmidberger, antes de entrar em Écône, seguia aulas de filosofia kantiana sob a orientação do Protestante Reinhard Lauth**.

Isso foi sem dúvida o que levou Dom Lefebvre – para surpresa do Capítulo *Geral* da Fraternidade em **julho de 1982(14)** – a exigir desse *Capítulo Geral* que promovesse, em sua vida, o padre Schmidberger, até então seu primeiro assistente, ao cargo de ***Vigário Geral*** da Fraternidade São Pio X – um cargo não previsto pelos estatutos de sua obra.

Não há dúvida de que ele via nessa iniciativa surpreendente de sua parte **um gesto público de boa vontade dirigido ao novo Prefeito da Doutrina da Fé Joseph Ratzinger**, e através da pessoa deste último, um **gesto de apaziguamento e submissão ao novo « *pontífice* » Karol Wojtyła-JPII.**

Além disso, três meses após a publicação da carta de 25 de março de 1983 com as objeções de consciência dos « ***nove*** » padres do seminário de Ridgefield, **Dom Lefebvre confirmou esse gesto em relação à Roma de Ratzinger-Wojtyła ao ir ainda mais longe na promoção do padre Schmidberger, a toupeira n° 2** infiltrada em sua obra, anunciando publicamente **em Écône na quarta-feira, 29 de junho de 1983**, por ocasião das ordenações: **que « *ele transmite a carga de Superior Geral da Fraternidade Sacerdotal São Pio X ao padre Joseph Schmidberger, seu Vigário Geral, reservando para si mesmo as relações com as autoridades romanas* »**.

Com sua rápida ascensão junto a Dom Lefebvre, **o padre Schmidberger imediatamente tenta fazer com que este aceite a tese falaciosa de Dom Botte, a de um novo rito supostamente justificado pelos ritos orientais**(15).

> « Dom Donald Sanborn relata o seguinte: Ao conversar no início do ano de 1983 com Dom Marcel Lefebvre e o padre Fr. Schmidberger sobre as negociações que estavam ocorrendo entre a Fraternidade e o Vaticano (*quanto mais coisas mudam...*), Dom Sanborn perguntava como a Fraternidade poderia aceitar qualquer solução, **uma vez que o Arcebispo nos dissera várias vezes que considerava que o novo rito de consagração episcopal era inválido. O Arcebispo respondeu: "*Aparentemente, seria válido*", e então fez um gesto convidando o padre Schmidberger a se expressar, que disse então: "É um rito oriental."** » **Padre Cekada – 25 de março de 2006**

Naturalmente, as autoridades conciliares apóstatas **acompanhavam de muito perto essas novas atitudes e novas aberturas em relação a eles multiplicadas em sua cegueira por Dom Lefebvre**, começando pelo bispo apóstata Karol Wojtyła-JPII, e especialmente seu astuto Prefeito para a Doutrina da Fé, o padre apóstata Joseph Ratzinger, **este último não perdendo sem dúvida nenhuma oportunidade de fazer com que ele recebesse, por intermédios judiciosamente escolhidos(16), anedotas fabricadas que pudessem confortá-lo o mais**

profundamente possível em seu piedoso cerceamento.

No entanto, ainda assim atormentado pela dúvida sobre a validade sacramental das novas Ordens « ***ecumênicas*** » conciliares, e especialmente sobre a nova consagração episcopal « ***ecumênica*** » conciliar, **Dom Lefebvre, que não havia aprofundado a questão, confiou em 1984, sem dúvida sob a instigação do padre Schmidberger, o estudo teológico aprofundado desta última a dois padres da Fraternidade que acabariam por traí-lo algum tempo depois, os padres Bisig e Baumann.**

Dom Tissier conhece, por meio da correspondência que recebeu em janeiro de 2005 de um ex-seminarista de Zaitzkofen, essa manipulação operada junto a Dom Lefebvre pelos padres alemães Bisig e Baumann(17):

> *« Como o argumento do pontifical de Paulo VI desempenhou um papel chave, começou-se a denunciar que o Padre Athanasius havia utilizado textos errados e fontes duvidosas.*
>
> *O padre Bisig permitiu que uma cópia da oração siríaca em latim fosse trazida, uma versão autêntica que os sírios haviam depositado em Roma no século XVII, como texto de referência.*
>
> ***Mas ele evitou comunicar este texto, tanto aos seminaristas quanto a Dom Lefebvre.***
>
> ***Os padres Bisig e Baumann, portanto, dispunham de um bom texto em seu dossiê, mas como a tradução latina confirmava as conclusões do Padre Athanasius, ao invés de fazer um estudo aprofundado, simplesmente publicaram um comunicado afirmando que uma análise rigorosa provava que Paulo VI havia dito a verdade e que a oração de Paulo VI era a oração siríaca.***
>
> ***É uma enorme mentira.***
>
> *Para refutá-la, bastava consultar o documento base, mas ninguém desconfiava. O resultado foi extraordinário.*
>
> ***Todos confiaram neles, incluindo Dom Lefebvre.***
>
> ***A partir desse momento, não havia mais ninguém em Zaitzkofen que ousasse citar o estudo do Padre Athanasius como fonte.***
>
> ***O problema estava enterrado.***
>
> *Por que sei tudo isso?*

Porque foi como seminarista que me interessei pelo assunto, e o sucessor do padre Bisig, o padre Paul Natterer, vítima como os outros, como eu, como Dom Lefebvre, me permitiu dar uma olhada na expertise, que havia resolvido esta questão de maneira radical, como ele dizia. O padre Natterer, ele mesmo, nunca leu a expertise na qual tinha plena confiança e não me fez nenhum obstáculo para lê-la.

"Quando abri o dossiê, fiquei muito surpreso ao constatar que este 'estudo' consistia em algumas linhas. Além do documento base, que foi evitado de ser publicado, não havia muita coisa.

Comparei a tradução latina da oração siríaca com a de Paulo VI com muita consternação.

Os dois textos eram totalmente diferentes.

Em algumas linhas se teve a ousadia de afirmar que as duas orações de consagração episcopal correspondiam muito bem, que não havia nada a temer, e que o texto de Paulo VI era válido.

Sem dizer nada, devolvi o dossiê ao padre Natterer, mas não sabia mais o que fazer.

Talvez meu latim fosse muito ruim?

Talvez eles tivessem outras informações que eu desconhecia?

O padre Natterer continuou a dizer em classe que a oração de Paulo VI é a da tradição siríaca, e todos os seminaristas em Zaitzkofen anotavam isso sabiamente em seus cadernos.

E eu acho que é assim até os dias de hoje.

Desde alguns meses, disponho do texto siríaco, e agora me lembro do que vi.

A "expertise" do padre Bisig estava o tempo todo no escritório de seu sucessor, que tinha todos os meios para desmascarar essa mentira.

Ignorando como eu, ele me deixou lê-la, mas o problema continua até hoje.

Deixo agora, Monseigneur, a missão de denunciar publicamente essa trapaça. »

Carta a Dom Tissier de Mallerais, de Thilo Stopka, ex-seminarista da FSSPX em Zaitzkofen – janeiro de 2005

O padre Bisig, por sua vez, deixaria a FSSPX em 1988, no momento das consagrações de quatro bispos por Dom Lefebvre. Tornando-se Superior da FSSP (*Fraternidade Sacerdotal São Pedro*), fundada em dissidência da FSSPX, ele seria destituído de suas funções quando, em 29 de junho de 1999, uma petição de dezesseis signatários, padres membros de sua própria sociedade sacerdotal, pediria a intervenção de Roma na Direção dessa Fraternidade.

Assim, no auge de sua cegueira quanto à realidade do bispo apóstata Karol Wojtyła e de seu primeiro colaborador, o padre apóstata Joseph Ratzinger, **Dom Lefebvre foi habilidosamente incitado por estes últimos, repassados diretamente dentro da Fraternidade São Pio X pelas toupeiras n°1 e 2 infiltradas em seu seio, os padres Williamson e Schmidberger, a iniciar uma feroz caça aos « *sedevacantistas* »** entre os padres e seminaristas da FSSPX e das obras e instituições amigas.

Foi, de resto, a época, após 1983, em que na Fraternidade São Pio X era exigido de todo seminarista, antes de sua ordenação, que reconhecesse sob « ***juramento*** » a « ***papabilidade*** de João Paulo II (e hoje de Bento XVI por Dom Fellay).

Esse é o tributo que, até 1986 ao menos, em sua cegueira, Dom Lefebvre estava disposto a pagar para conquistar as boas graças – ao menos em sua inocência ele acreditava assim – das autoridades conciliares romanas apóstatas que ele ainda obstinava-se a considerar legítimas.

Isso deveria mudar depois de 1988, quando seus olhos finalmente se abrissem de vez para a abominável realidade romana.

Entretanto, os inimigos romanos apóstatas, determinados à destruição do Sacerdócio sacrificial católico sacramentalmente válido, **tinham, desde 1983 – e graças ao apoio de suas toupeiras n°1 e 2 infiltradas na Fraternidade São Pio X, os padres Williamson e Schmidberger – alcançado seus dois objetivos estratégicos primordiais:**

- **Eliminar sub-repticiamente a questão da invalidade sacramental das novas consagrações episcopais « *ecumênicas* » conciliares do tema do combate de Dom Lefebvre**, questão que foi a origem da saída dos ***nove*** padres da Fraternidade São Pio X do seminário de Ridgefield, nos Estados Unidos, em 1983.
- **Fomentar, em nome do próprio Dom Lefebvre, a perseguição** dentro da Fraternidade São Pio X e de suas « ***comunidades amigas*** » **dos melhores clérigos tradicionalistas, os mais sábios, os mais corajosos e frequentemente os mais piedosos, sob o pretexto de uma cruel caça aos « *sedevacantistas* »(18)**.

O impasse mortal no qual a Fraternidade se afundou, que hoje desemboca no próximo « ***ralliement-apostasia*** » da última, é o fruto distante, mas inevitável, dos eventos que ocorreram além do Atlântico há vinte e cinco anos, e dos falsos princípios que foram sua origem e que persistem e são impostos hoje mais do que nunca na Fraternidade São Pio X, graças às manobras e manipulações hábeis e concertadas das duas toupeiras enviadas desde 1972 junto a Dom Lefebvre, as duas vocações tardias, uma britânica, Richard Nelson Williamson, filho de pastor anglicano, e a outra bávara, formada por protestantes e amiga de Ratzinger, para melhor,

pacientemente e em momento oportuno, afundar sua obra de preservação do Sacerdócio sacrificial católico sacramentalmente válido.

Continuemos a boa luta

A Redação de Virgo-Maria

Revision #2
Created 16 December 2024 22:08:15 by Admin
Updated 16 December 2024 22:44:59 by Admin